

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



**CAMINHANDO ENTRE PASSOS TRADICIONAIS E MODERNOS: UM OLHAR SOBRE A
SATISFAÇÃO CONJUGAL**

Catarina Lucas Gonçalves da Silva

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2008

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



**CAMINHANDO ENTRE PASSOS TRADICIONAIS E MODERNOS: UM OLHAR SOBRE A
SATISFAÇÃO CONJUGAL**

Catarina Lucas Gonçalves da Silva

Dissertação, orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso Davide

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2008

Resumo

O presente estudo enquadra-se no âmbito da Psicologia da Família, mais especificamente, no âmbito da conjugalidade. Pretende-se estudar, numa amostra de 146 indivíduos portugueses: 1) as variáveis satisfação conjugal e a proximidade em função da situação relacional (casamento / união de facto) e em função da religiosidade (não crente e crente) e 2) a satisfação em diferentes áreas da vida conjugal em função da situação relacional e em função da religiosidade. Os instrumentos utilizados foram a EASAVIC (Narciso e Costa, 1996) e a IOS (Aron, Aron e Smollan, 1992). A análise quantitativa de resultados foi realizada com recurso ao *software Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 15.0 for Windows*, tendo-se concluído que: 1) não existem diferenças significativas face à proximidade relativamente à situação relacional e religiosidade; 2) verificaram-se diferenças significativas na satisfação conjugal relativamente à situação relacional, sendo esta maior na união de facto e, relativamente à religiosidade, não se verificaram diferenças significativas.

Palavras-chave: Satisfação Conjugal, Proximidade, Casamento, União de facto e Religiosidade.

Abstract

The current quantitative research is enclosed in the field of Family Psychology, mainly in marital life. Our goals were to study in a sample of 146 portuguese individuals: 1) the variables global marital satisfaction and closeness in the light of the relational situation (marriage / cohabitation) and of the religiosity (non believer and believer) and 2) global satisfaction in different areas of marital life in light of the relational situation and of the religiosity. The following instruments were used: EASAVIC (*“Evaluation of Satisfaction in Areas of Marital Life Scale”*; Narciso and Costa, 1996), IOS (*Inclusion of Other in the Self Scale*; Aron, Aron and Smollan, 1992). The quantitative data analysis was performed using the *Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 15.0 for Windows* software, and it was found that: 1) there were no significant differences concerning closeness in respect to relation situation and in respect to religiosity; 2) significant differences concerning marital satisfaction in respect to relational situation were found: higher levels were associated with cohabitation and, in respect to religiosity, there were no significant differences.

Keywords: Marital Satisfaction, Closeness, Marriage, Cohabitation and Religiosity.

Agradecimentos

Ao meu querido pai e à minha querida mãe que sempre acreditam no meu valor e estão sempre lá, quando mais ninguém está...

À minha Tia Mena, pelas conversas deliciosas, pela atenção, amor e carinho...

Às minhas amigas em geral e todas em particular:

Carolina Josefa...pela “união de facto” estudantil ao longo destes 6 anos de partilha do mesmo tecto;

Carolina Amado...minha esperança, meu espelho de alma;

Carolina Fontes...companheira, carinhosa, a minha fonte de mimos;

Carolina Silva...a minha fonte de espontaneidade e de sonhos;

Carolina Correia...minha estabilidade, minha ouvinte;

Carolina Guilherme...muitas alegrias, gargalhadas e voz doce;

Joana Filipa...longe, mas sempre perto;

Eva Coelho...a esperança, a felicidade e palavras meigas;

Filipa Dias...aventuras, sonhos e concretizações;

Gonçalo Andrade...meu ouvinte diário, a minha ajuda constante, a minha caixinha de segredos e sorrisos;

Filipa Gomes...sinceridade e apoio;

Isabelinha...pela nostalgia de tempos de inocência.

Aos meus colegas sistémicos e em particular à Ana Marcão, que ajudamo-nos mutuamente neste longa fase de construção deste trabalho...

À Professora Isabel Narciso, pela mestria, apoio constante e honestidade...

À Professora Teresa Ribeiro, pelas palavras aconchegantes...

À Doutora Rita Francisco, pela preocupação e atenciosidade...

A todos os participantes que quiseram colaborar nesta investigação...

Muito Obrigada!

2.1.5.3. Procedimento na recolha de dados.....	29
3. Apresentação dos Resultados.....	30
3.1. Resultados globais.....	30
3.2. Normalidade e Homogeneidade.....	30
3.3. Diferenças entre grupos nas variáveis Satisfação Conjugal e Proximidade.....	31
3.4. Análise descritiva dos resultados ao nível das áreas da vida conjugal.....	32
4. Discussão.....	34
Conclusões.....	38
5. Referências Bibliográficas.....	40

Anexos

Anexo I – Protocolo de apresentação

Anexo II – Instrumentos utilizados

Apêndices

Apêndice I – Caracterização sócio-demográfica da amostra

Índice de Figuras

Figura 1 – Mapa conceptual do estudo.....22

Índice de Quadros

Quadro 1 – Distribuição da Amostra por Situação Relacional.....25

Quadro 2 – Distribuição da Amostra por Religiosidade.....26

Quadro 3 – Estatística descritiva da tendência central, Dispersão e Coeficientes de Consistência Interna.....30

Quadro 4 – Teste da Normalidade de Kolmogorov-Smirnov.....30

Quadro 5 - Teste Wilcoxon-Mann-Whitney.....31

Introdução

O presente estudo insere-se na área da Psicologia da Família, em geral, e da Conjugalidade, em específico, nomeadamente dentro do projecto de investigação de Mestrado Integrado (2007/2008) desenvolvido pelo Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Este estudo debruça-se, especificamente, sobre a satisfação conjugal e a proximidade dos indivíduos adultos casados ou em união de facto, tentando compreender, também, em que medida a religiosidade afecta estes aspectos (satisfação e proximidade).

O amor e a União Conjugal estão em mudança: as taxas de nupcialidade têm vindo a decrescer significativamente nos últimos anos, e as taxas de Divórcio a aumentar e, em consequência deste facto, a prática das uniões informais tornam-se cada vez mais comuns. Por este motivo, consideramos necessário que se desenvolvam investigações em torno desta temática, de modo a perceber até que ponto as novas formas de família podem ser mais satisfatórias ou não, o que de algum modo poderá permitir que se possa no futuro conhecer e ajudar de forma mais eficaz os casais, quer a nível terapêutico, quer a nível preventivo.

Vários estudos têm demonstrado a associação entre satisfação conjugal e religiosidade, realçando a importância dos psicólogos e psicoterapeutas estarem cada vez mais atentos às teorias e investigações acerca da Religião e da Família, visto que pouca investigação tem sido feita nesse sentido (Mahoney *et al.* 2001).

É importante realçar que este estudo insere-se numa abordagem sistémica, que perspectiva o desenvolvimento das complexas redes humanas em sistemas, como um todo e como partes individuais do todo – *holons* (Morin, 1994, citado por Narciso, 2001).

O trabalho está organizado em várias secções: 1) revisão de literatura e reflexão das temáticas mais pertinentes para este estudo; 2) descrição do processo metodológico; 3) apresentação dos resultados; 4) discussão dos resultados e 5) reflexões finais sobre as principais conclusões deste estudo, limitações e possíveis implicações para a prevenção e para a investigação.

1. Enquadramento Teórico

1.1 O amor e a União Conjugal

“(…) Não se ama alguém que não ouve a mesma canção (…)” (Rui Veloso)

Existem muitas teorias acerca da escolha do parceiro(a). Algumas destas teorias centram-se em aspectos da relação social, como a procura de uma pessoa semelhante que não cause muito *stress* (teoria do equilíbrio, Heider; *in* Espina, 1996); as vantagens e desvantagens que implica uma relação (teoria do intercâmbio de Thibaut & Kelley, 1959; *in* Espina, 1996); a igualdade desse intercâmbio (teoria da igualdade de Walster *et al.* 1978; *in* Espina, 1996) e a complementaridade das necessidades mútuas (teoria das necessidades complementares de Winch, 1958,1967; *in* Espina, 1996). Outras destacam o processo de eleição do parceiro(a) (Espina, 1996).

“O casal é a união de duas famílias que se inter-influenciam e criam uma rede complexa de subsistemas” (Haley, 1986; *in* Relvas & Alarcão 2002, p.197). Gullota (1993) e Satir (1980) (*in* Relvas & Alarcão 2002, p.197) referem-se ao casal afirmando que “em qualquer casal existem três partes, eu, tu e nós, que se possibilitam e facilitam mutuamente”. Segundo Satir (1980; *in* Narciso, 1994) é o modo como estas três partes funcionam que possibilita a função do Amor. Deste modo, a identidade do casal implica que a relação seja sentida como privilegiada, diferenciando-se das relações extra-familiares de cada um dos elementos, permitindo, paralelamente, que no sistema intra-familiar se diferenciem um do outro. Logo, “a **união conjugal** é um processo que envolve duas pessoas, procurando o equilíbrio entre proximidade e distância; entre desejo de pertença e de autonomia, equilíbrio esse que exige uma permanente adaptação e mudança face ao outro” (Whitaker, 1989, *in* Relvas & Alarcão 2002, p.197).

Para que serve então o casal? “O casal serve para fazer durar o amor” (Pasini, 1996; *in* Relvas & Alarcão 2002, p.198). A união amorosa assenta num *contrato de relação*¹, não escrito, composto de expectativas e promessas individuais, conscientes e inconscientes; assenta num “jogo” interactivo, unindo os parceiros nas áreas concordantes (Relvas & Alarcão 2002).

¹ O *contrato de relação* é baseado no acordo e compromisso de ambos os elementos do casal sobre o modo de funcionamento do novo sistema, devendo, por isso, ser dinâmico e flexível, a fim de poder sofrer as necessárias revisões e alterações, em função dos acontecimentos que ocorrem ao longo do ciclo de vida da relação (Granger 1980, *in* Narciso, 1994).

Afinal, o que é o Amor? Muitos poetas procuraram dar a sua resposta, contudo os cientistas insistem em “objectivar” as qualidades do amor, assim como as suas características, componentes e vicissitudes, surgindo, assim, as teorias do amor².

Vários autores (Sternberg, & Barnes, 1988; *in* Relvas & Alarcão 2002) referem como componentes essenciais do amor, a paixão, a intimidade e o compromisso. A **paixão** é componente que se refere aos elementos de carácter motivacional, conducentes ao romance e atracção física e sexual. Inclui atributos cognitivos³, emocionais⁴ e comportamentais⁵ (idem, 1988). A **intimidade** inclui revelação mútua de informações próprias, escuta recíproca de confidências, preocupação e cuidados com o outro, conforto com a proximidade e com o contacto físico, amizade, compreensão mútua, apoio emocional, bem-estar com o outro, etc (idem, 1988). O **compromisso** é uma componente de carácter cognitivo que parece estar fortemente associado quer à permanência e continuidade da relação amorosa quer à estabilidade e à satisfação na relação. De acordo com Sternberg e Barnes (1988, *in* Relvas & Alarcão 2002), o compromisso envolve a decisão de que se ama o outro e o desejo de o continuar a amar.

1.2. Satisfação e Qualidade Conjugal

"Para fazer uma obra de arte não basta ter talento, não basta ter força, é preciso também viver um grande amor." (Wolfgang Amadeus Mozart)

A natureza das relações amorosas é um tema que atravessa fronteiras temporais e geográficas. Num período de transformações sociais constantes poder-se-ia pensar que haveria um decréscimo do interesse das pessoas pelos casamentos e pelas relações em geral, visto que as taxas de divórcio atingem valores próximos dos 50%. Mas tal não se verifica, como aliás o comprovam as elevadas taxas de recasamento (Costa, 1994; *in* Crespo 2007). A escolha por uma “vida a dois” (casados ou em união de facto) tem a ver com a vivência da

² Como exemplo das mais conhecidas teorias do amor referem-se: os estilos de amor de J.Lee (1988); os tipos de amor de Hatfield (1988); a teoria do amor triangular e os tipos de amor de Sternberg (1989). Na sociologia, Badinter (1986), Alberoni (1987; 1992), Giddens (1995) são nomes a destacar. Debruçar-me-ei apenas sobre a teoria de Sternberg & Barnes (1988) por ser das teorias mais exploradas na literatura. Para aprofundamento sobre o tema, consultar Narciso (1994).

³ Inclui: pensamento intrusivo, idealização do outro ou da relação, desejo de conhecer o outro e de ser conhecido, etc. (Narciso, 2004)

⁴ Inclui: atracção pelo outro (sobretudo atracção sexual), desejo de união completa e permanente, desejo de reciprocidade, ansiedade, insegurança, actividade fisiológica intensa, etc. (Narciso, 2004)

⁵ Inclui: estudar o outro, servir o outro, manter proximidade física, acções para determinar os sentimentos do outro, etc. (Narciso, 2004).

intimidade, pois esta é responsável pelo aumento dos níveis de auto estima e de auto confiança, as quais são consideradas ferramentas essenciais para a resiliência⁶.

O amor e a conjugalidade aparecem em vários estudos como sendo, de facto, a fonte de felicidade suprema. No entanto, o bem-estar que o casamento proporciona está dependente do nível de satisfação, entendendo-se esta como uma avaliação subjectiva sobre a conjugalidade (Thompson, 1988; *in* Narciso 1994).

1.2.1 Conceptualização de Satisfação e de Qualidade Conjugal

Qualidade e satisfação relacional são dois termos utilizados na literatura, por vezes, indistintamente. Narciso (2001) considera que, do ponto de vista do investigador, a **satisfação** só pode ser avaliada através da avaliação pessoal e subjectiva que o casal faz da sua relação, enquanto que a **qualidade** se refere ao desempenho da e na relação, podendo ser avaliada a partir de critérios definidos *a priori* pelo investigador, naturalmente, resultantes de estudos empíricos realizados sobre relações conjugais.

A satisfação tem sido estudada por vários investigadores, interessados por este constructo e suas relações com outros constructos das relações, como a funcionalidade, o amor, a intimidade, etc. (Narciso & Costa, 1996). No entanto o modelo teórico a que será dada maior relevância visto que servirá como base deste estudo é o Modelo de Satisfação Conjugal proposto por Narciso (2001). Este modelo apresenta uma concepção sistémica complexa da conjugalidade, em que é feita uma nova conceptualização de diversos conceitos fundamentais, de modo a que haja uma melhor compreensão dos processos subjacentes à satisfação conjugal.

Segundo Narciso (2001), a qualidade e a satisfação conjugal é influenciada por Factores Centrípetos, Factores Centrífugos e Factor Tempo ou Percurso de Vida que atravessa os dois anteriores. Os Factores Centrípetos referem-se aos que geram e são gerados pela relação, e incluem *processos operativos ou comportamentais*, como, a comunicação, o conflito, resolução de conflitos e controlo relacional. Incluem também *processos cognitivos*, que, segundo Narciso (2001) e Baucom *et al.* (1989; 1996, *in* Narciso 2001), consideram que estes envolvem cinco classes de cognições fundamentais para a qualidade e satisfação conjugal – pressupostos e padrões, percepções, atribuições e expectativas. Por último incluem

⁶ Resiliência significa o desenvolvimento da capacidade para se lidar construtivamente com as adversidades da vida quotidiana.

os *processos afectivos*, como, o amor, a intimidade e o compromisso⁷. Os Factores Centrífugos, mais periféricos relativamente ao casal mas fortemente influentes, dizem respeito, por um lado, à relação com contextos distais, tal como a família de origem, o trabalho e a rede social, e, por outro lado, a características individuais como, por exemplo, características da personalidade, padrões de vinculação, competências sócio-afectivas, e aspectos demográficos (sexo, idade, estatuto sócio-económico, etc.). O Factor Tempo ou Percurso de Vida remete para o tempo de duração da relação e para as etapas normativas e situações não normativas que o casal atravessa ao longo do ciclo de vida. A temporalidade é um conceito multidimensional que engloba vários aspectos que podem influenciar muito a satisfação conjugal (Narciso, 2001).

A avaliação de todos estes factores permite, segundo Narciso (2001), o acesso à *satisfação conjugal global*. No entanto, é fundamental não adoptar uma visão dicotómica da problemática da satisfação mas antes uma perspectiva dialéctica entre satisfação e insatisfação, uma vez que ambas coexistem. Portanto, não é possível analisar a satisfação sem considerar a insatisfação (Gottman & Silver 2001; *in* Narciso, 2001).

1.2.1.1 A Satisfação Conjugal segundo Gottman e vários autores

De acordo com Gottman & Silver (2001), os casais felizes conseguem, ao longo do tempo, estabelecer uma dinâmica que impede que os seus pensamentos e sentimentos negativos anulem os pensamentos ou sentimentos positivos, ou seja, são casais emocionalmente felizes. Quanto mais um casal for emocionalmente inteligente, mais capaz é de se compreender, honrar e respeitar mutuamente e ao seu casamento. A inteligência emocional é uma capacidade que, pode ser ensinada a um casal (Gottman & Silver 2001; *in* Gameiro 2007). Gottman (2001; *in* Narciso 2001) também acrescenta que nos casais felizes existe uma profunda amizade e é através desta amizade, uma constante nos detalhes mínimos e não apenas limitada a grandes momentos, gestos ou afirmações, que a relação se mantém apaixonada.

Quando se fala em investigação sobre o casamento e os seus processos, a procura de uma teoria necessita de ser guiada por duas questões: a questão do que é que disfuncional num casamento e a questão do que é funcional, isto é, o que é que os casais cujos casamentos funcionam de modo satisfatório, estão a fazer de diferente? (Gottman, 1998).

⁷ Descritos no ponto **1.1.** do enquadramento teórico.

Não existem dois casamentos iguais mas, Gottman (2001; *in* Gameiro 2007) considera que, sem o saberem, estes casais são semelhantes em sete princípios: o 1º princípio refere-se à ampliação dos Mapas de Amor; o 2º princípio, à alimentação da ternura e da admiração; o 3º princípio refere-se ao casal virar-se um para o outro em vez de se virarem de costas; o 4º princípio refere-se ao deixar influenciar-se pelo seu parceiro; o 5º princípio refere-se à resolução dos problemas com solução; o 6º princípio refere-se ao ultrapassar o impasse e o 7º princípio refere-se à construção de um significado partilhado. Os casamentos infelizes, por seu turno, falham em pelo menos um dos princípios e, frequentemente, em muitos deles. Segundo o autor, se se seguirem estes sete princípios, o casamento terá sucesso (Gottman & Silver, 2001).

Do ponto de vista da insatisfação conjugal, Gottman & Levenson (1985) referem que esta é preditiva da instabilidade na relação matrimonial e de *stress* na família. Esta insatisfação traz consequências negativas na saúde física e psicológica de ambos os parceiros, assim como, na saúde mental e na estabilidade emocional das crianças. Criar uma técnica que permita prever se os casamentos são bem sucedidos ou mal sucedidos, é de grande importância para a compreensão da satisfação conjugal ao longo do tempo, assim como, para a identificação de casamentos que tenham um elevado risco de virem a ter um futuro instável e *stressante*, junto do seu parceiro(a).

1.3. Satisfação Conjugal: Casamento versus União de Facto

"O casamento é um livro cujo primeiro capítulo é escrito em verso e os demais, em prosa." (Beverly Nichols)

“O casamento é definido como uma parceria sexual, económica e emocional entre um homem e uma mulher e que é socialmente e legalmente aprovado” (Ambert, 2003, p.2).

O que é que o casamento propicia ao bem-estar dos casais? Vários estudos revelam que, na população casada, o nível de mortalidade é menos elevado, e o nível de bem-estar é mais elevado do que na população não casada: menos casos de problemas de saúde mental, mais indicadores positivos de bem-estar psicológico e menos indicadores negativos tais como a depressão e ansiedade. Isto vai de encontro ao estudo de Gottman & Notarius (2002), que revela que existem vários determinantes do bem-estar da família em consequência do tipo de interações existentes no casamento. Verificou-se que existe uma forte ligação entre estar casado e ter uma boa saúde e maior longevidade. Isto está também associado a um melhor funcionamento do sistema imunitário, cardiovascular, etc. “O casamento parece, então,

assumir *funções protectoras*, uma vez que a ligação afectiva a alguém significativo e a consequente relação de intimidade são uma fonte de apoio emocional, o que fertiliza a autoestima e a autoconfiança, “ferramentas” essenciais para lidar com o *stress*” (Narciso, Costa & Prata, 2002, p.68). Contudo, se considerarmos as elevadas taxas de insucesso conjugal, facilmente percebemos que a associação entre casamento e bem-estar se restringe aos casais felizes⁸. As pessoas que não estão felizes com o casamento parecem ser ainda mais vulneráveis do que as divorciadas a problemas de saúde física ou mental.

Apesar de todas estas considerações acerca do casamento, alguns investigadores consideram que o matrimónio enquanto instituição se encontra em crise. Esta afirmação é baseada numa elevada percentagem de divórcios, na preferência por “viver juntos” sem a formalidade do casamento e na elevada incidência de monoparentalidade (Ribeiro, 2002). Nas últimas décadas, registou-se uma evolução acentuada das modalidades de formação do casal e de constituição da família. Enquanto que no passado o casamento marcava a passagem do tempo de juventude na família de origem para a entrada na vida adulta, actualmente, os jovens atravessam esta fase de forma mais progressiva e contínua. “A vida a dois começa, muitas vezes, desde os primeiros encontros que fixam, desde logo, um quadro de mudanças. É, muitas vezes, a regularidade das relações sexuais que leva à coabitação⁹” (Relvas & Alarcão, 2002, p.204).

Afinal, o que é que significa uma união de facto/coabitação? “A União de facto ou coabitação, é definida como um casal que vive numa relação emocional e sexual sem estarem casados” (Williams *et al* 2006, p.149).

Williams *et al.* (2006) apontam quatro razões para o crescimento da união de facto: 1) Tolerância Social – noutros tempos eram apenas moralmente aceites as relações sexuais dentro do casamento. Hoje em dia, os valores morais mudaram, e muitas pessoas olham para as relações sexuais entre um casal, quer estejam casados ou não, como sendo um comportamento permissivo; 2) Igualdade feminina – muitas mulheres, hoje em dia, trabalham e são economicamente independentes e não precisam de depender de um casamento ou de um marido como suporte financeiro; 3) Impermanência do casamento – devido às altas taxas de divórcio, faz com que o casamento seja uma alternativa.

Tanto os parceiros que estão casados e os que vivem em união de facto, parecem demonstrar uma visão idêntica da concepção de casal. O modo de vida é semelhante, estando

⁸ Esta temática está referenciada no ponto 1.2.1.1.

⁹ Ao longo do enquadramento teórico aparecerá a palavra coabitação ou união de facto, mas que se referem à mesma situação relacional.

um dos cônjuges no plano activo profissional, respeitando sempre a individualidade do parceiro. As maiores diferenças são sentidas, ao nível das uniões de facto, pela recusa do “peso” da institucionalização e das tarefas domésticas (rituais próprios do casamento), pondo em causa a valorização íntima quer dos laços conjugais quer da definição de casal enquanto tal (Relvas & Alarcão, 2002).

Muitos coabitantes acreditam que a união de facto vai fornecer uma habilidade para escolher um melhor parceiro para o casamento. Contudo, tem sido constantemente demonstrado que comparando casais que não coabitam, com casais que coabitam antes do casamento, existe uma taxa muito elevada de separação do casal e divórcio, naqueles que escolheram coabitar antes do casamento (Cohan & Kleinbaum, 2002). Quais as explicações para a união de facto ser um maior risco para a dissolução do casamento / divórcio? Uma das explicações é que os casais que escolhem coabitar em vez de se casar, percebem-se a si próprios ou a relação com níveis pobres de felicidade a longo prazo e compromisso e aqueles que eventualmente se casam, podem continuar a ter problemas e baixa qualidade nas relações, comparativamente aos casais que não sentiram necessidade de testar a sua relação (Thomson & Colella, 1992). Ou seja, o facto da coabitação envolver maior autonomia do que interdependência, pode fazer com que as pessoas se tornem menos convencionais e diminuam o seu compromisso para manterem uma relação amorosa de longa duração (Cohan & Kleinbaum, 2002). Uma outra explicação é que as pessoas que coabitam têm maior probabilidade de possuir características que também são factores de risco para o divórcio assim como, divórcio dos pais, nível baixo de educação, ser jovem, gravidez, etc. Os jovens adultos com menor nível de religiosidade e com uma maior aceitação a nível do divórcio, têm maior probabilidade de entrar numa relação de união de facto (Cohan & Kleinbaum, 2002).

No estudo de Newcomb (1986), verificou-se, que os coabitantes tem muito menos probabilidade de virem a ter filhos e tem maior probabilidade de fazerem abortos do que os não coabitantes. Estes resultados sugerem, que além de estes serem mais liberais, são menos religiosos do que os não coabitantes. Nos estudos de Call and Heaton (1997; *in* Ambert 2003), verificou-se que os casais que coabitam são menos religiosos do que aqueles que casam sem coabitação prévia. Existe uma correlação entre religião e satisfação conjugal assim como estabilidade. Se ambos os parceiros são menos religiosos, menos comprometidos um com o outro e com a instituição do casamento e depois acabam por se casar, não é surpreendente que estejam expostos a um risco elevado de divórcio. Experimentam um risco triplo: baixa religiosidade, baixo compromisso e coabitação prévia (Ambert, 2003).

Os resultados de estudos que envolvem a resolução de problemas no casal sugerem que a coabitação antes do casamento está associada a uma comunicação mais destrutiva durante o casamento, que leva a que seja menos provável encontrar uma solução satisfatória que pode, de facto, contribuir para a deterioração do casamento ao longo do tempo. Assim como, os resultados que envolvem suporte social, sugerem que os casais que coabitam antes do casamento, são menos eficazes em solicitar suporte, assim como fornece-lo aos seus companheiros (Gottman, 1994; *in* Cohan & Kleinbaum, 2002).

Contudo, Brown (2003), num estudo realizado, encontrou diferentes resultados acerca da qualidade da relação entre os indivíduos casados e os que vivem em união de facto. O objectivo principal do estudo era verificar se a formalização da coabitação alterava a qualidade da relação. Verificou que o casamento está positivamente associado com a qualidade da relação. Os coabitantes que posteriormente se casam mostram mais felicidade e menos instabilidade nas suas relações, menos desacordos e estratégias de resolução de problemas caracterizadas por discussões mais calmas, comparando com os parceiros que ainda coabitam. Contudo, os coabitantes que têm intenção de se casar, vivenciam níveis de satisfação conjugal semelhantes aos coabitantes que já se casaram, podendo concluir-se que a união formal não implica necessariamente um aumento na qualidade da relação (Brown, 2003).

1.4. Proximidade / Intimidade – ponto nodal da conjugalidade

A intimidade tem vindo a receber, nos últimos anos, um interesse crescente na área das relações humanas (Crespo, Narciso, Ribeiro & Costa, 2006).

Narciso (2001), a partir de uma extensa revisão de literatura, define *intimidade* como um conjunto de processos afectivos, cognitivos e comportamentais dinâmicos e entrelaçados (partilha, auto-revelação, apoio, confiança, mutualidade, interdependência e sexualidade), pelos quais o casal se conhece, apoia, se “reconstrói” no outro e se torna “inter(in)dependente” (relação entre autonomia e pertença, entre o “eu”, o “tu” e o “nos”). É um processo mutissistémico, conceptualizado como uma história de processos em inter-relação. “Assim, e recorrendo ao conceito de *holon* (Minuchin, 1981; *in* Narciso, 2002), poderemos conceber a intimidade como uma parte (*on*) relativamente ao todo (*holos*) que é a conjugalidade (sendo esta uma parte do todo que é a família), e um todo constituído por partes em inter-relação que são os vários processos inerentes à intimidade” (Narciso, 2002, p.52).

Um dos processos mais importantes da intimidade e da saúde emocional e física é o apoio emocional (envolve a compreensão, a valorização, o respeito, o cuidar, o dar atenção, o proteger, o amar e o preocuparmo-nos com o outro). Implica que nos descentremos de nós mesmos e que escutemos activa e empaticamente o parceiro. Uma das principais queixas em situações de insatisfação e de rompimento conjugal é precisamente a falta de apoio emocional.

Contudo, é frequente a proximidade surgir como sinónimo de intimidade, o que poderá contribuir para a imprecisão conceptual relativa a estes dois conceitos. “A proximidade é a experiência de contacto com o outro, experiência caracterizada pelas qualidades de “estar junto com” e “ser parte” dessa outra pessoa. Em contraste, a intimidade é o processo de se conhecer a si próprio na presença do outro” (Snarch, 1991; *in* Crespo, 2007, p.139). A proximidade será, tal como a intimidade, um constructo de carácter relacional mas não tão rico como esta. Podemos dizer que a proximidade se refere, sobretudo, ao que cada elemento do casal considera ser o “nós”, enquanto que a intimidade abrange os três níveis relacionais – o “eu”, o “tu” e o “nós” (Crespo, 2007).

Neste trabalho, decidimos seguir as directrizes de Aron e Aron (1986) segundo o modelo de *Inclusão do Outro no Self*. É um modelo que tem vindo a ser trabalhado com vários colaboradores (Aron, Aron, MacLaughlin-Volpe, Mashek, Lewandowisk & Wright, 2004) e postula que, nas relações de proximidade, os *outros* tornam-se em certa medida parte do *self*, uma vez que 1) uma das motivações principais do ser humano é expandir o seu *self* e 2) uma das formas, através da qual essa expansão ocorre, é pela inclusão de *partes* dos que nos são próximos no nosso eu. Consequentemente, cada pessoa inclui os recursos, perspectivas e identidades do *self* do outro, no decorrer de uma relação próxima. Esta motivação geral para expandir o *self*, frequentemente leva ao desejo de entrar e manter uma relação próxima particular porque, as relações próximas são especialmente satisfatórias e necessárias e é um meio humano para a auto-expansão (Aron *et al*, 2004).

Os recursos do outro incluem, bens materiais, conhecimento e bens sociais; um indivíduo, ao identificar estes recursos no cônjuge, apreende-os também para si, considerando-os como seus (Aron, Mashek & Aron, 2003).

As perspectivas referem-se a formas de experienciar o mundo a partir do ponto de vista do outro – atribuições e enviesamentos cognitivos (Aron, Mashek & Aron, 2003).

As identidades referem-se às características que distinguem, a pessoa de outras pessoas e objectos, características que situam a pessoa num espaço físico e social. Ao incluir

as identidades do outro, segundo este modelo, as características da personalidade e as memórias podem difundir-se com as do cônjuge (Aron, Mashek & Aron, 2003).

De um ponto de vista motivacional, o benefício principal de inclusão do outro no *self* é o aspecto dos recursos; a perspectiva e a identidade seguem um efeito colateral que, muitas vezes é inconsciente; é uma reestruturação do sistema cognitivo. O processo ocorre desta forma: a) as pessoas estão motivadas a incluir o outro no *self* de modo a incluir os recursos do outro; b) quando a relação está a ser estabelecida, cada parceiro faz com que os seus próprios recursos estejam disponíveis para o outro; c) isto leva a uma reorganização cognitiva que faz com que o recursos do outro pareçam incluídos no *self*; d) isto leva a tomar alguma medida relativamente às perspectivas e identidades do outro e e) ocorre um processo recíproco contínuo, fortalecendo a experiência consciente e inconsciente de inclusão dos recursos do outro no *self*, que faz com que voltemos de novo ao passo b (Aron *et al.* 2004).

Contudo, também é importante realçar a experiência de sentir-se “demasiado próximo” do parceiro (a), ou seja, quando existe uma discrepância entre a proximidade real que um parceiro sente pelo outro e a proximidade que deseja relativamente ao outro. As pessoas que estão tão próximas do seu parceiro como desejam estar, apresentam uma elevada satisfação conjugal. No entanto, a pessoa que deseja menos proximidade relativamente ao seu parceiro, apresenta uma menor qualidade da relação do que uma pessoa que deseja mais proximidade. Este padrão é encontrado num conjunto variado de medidas da qualidade da relação que incluem, satisfação, compromisso e amor. Quando o outro é incluído em demasia no *self*, então o seu controlo pessoal e identidade estão ameaçados (Aron *et al.*, 2004).

Percebemos, então, que a proximidade é uma parte da construção da qualidade da relação conjugal (Moore *et al.* 2001).

1.5. Satisfação Conjugal e Religiosidade

“A religião é uma das dimensões mais importantes, senão a mais importante, da pessoa humana. Ela influencia o sentido da vida e da morte, o modo como se encara o mundo e os homens, as alegrias e o sofrimento, o modo como se vive a vida familiar¹⁰, a tolerância ou o racismo, a política e a profissão” (Oliveira, 2000, p.5). Afecta toda a dimensão de um casamento, desde a maneira como se interpreta e vive a sexualidade, a comunicação, a resolução de conflitos, o poder de decisão, o compromisso e a parentalidade (Hunler &

¹⁰ Por exemplo, a atitude face ao divórcio, ao aborto, ao número de filhos, etc. (Oliveira, 2000).

Gençoz, 2005). A religião pode ser decisiva no uso ou não uso de drogas, condiciona a educação familiar, está presente nos ritos de nascimento, de iniciação da adolescência, da vida adulta e na velhice. Pode dizer-se que, para quem é religioso, não há aspecto nenhum da vida pessoal/comunitária que não esteja influenciado pela religião (Oliveira, 2000).

Stack & Eshleman (1998) constatam que poucos estudos incluem a religião e a saúde nos seus modelos, no entanto estes factores, quando incluídos, muitas vezes mostram grandes efeitos na felicidade conjugal.

Muitos investigadores sublinham a importância da associação entre a religiosidade e satisfação conjugal. As semelhanças das crenças religiosas entre os parceiros, ler a bíblia ou outros materiais religiosos, rezar, frequentar as missas nas igrejas ou outros serviços religiosos, verificou-se que estão relacionados com uma baixa taxa de divórcio (Hunler & Gençoz, 2005).

No estudo de Mahoney (2001), a hipótese de que um maior nível de religiosidade está ligado a uma menor taxa de divórcio, tem recebido uma atenção considerável. Os indivíduos que afirmam seguir fielmente uma religião têm menos probabilidade de viverem um processo de divórcio do que aqueles que afirmam que não são crentes em “nenhuma religião” quando perguntados acerca das suas afiliações religiosas. Foi concluído na sequência do estudo de Mahoney (2001) de que um maior nível de religiosidade está relacionado com uma maior satisfação conjugal, com maior compromisso e mais competências de comunicação.

Como é que a religiosidade pode contribuir para uma maior satisfação conjugal, através das práticas religiosas? (Fiese & Tomcho, 2001).

Num estudo de Dudley & Kosinski (1990; *in* Butler *et al.* 2002), o objectivo principal era estudar como é que a satisfação conjugal era influenciada por diversas variáveis religiosas, como: a ideologia, os rituais e as experiências religiosas e verificou-se que as variáveis mais salientes associadas com satisfação conjugal, consistem naquelas que estão relacionadas com a partilha de actividades de culto, como frequentar a igreja, cultos familiares e orações. Os rituais e as actividades religiosas¹¹ podem influenciar o funcionamento do casamento. Estes rituais fornecem aos casais métodos concretos para se aperceberem dos seus erros, para pedirem o perdão um do outro e para prevenir a construção de hostilidades e ressentimento no casal. Também envolvem a oportunidade para os casais desenvolverem a partilha de valores e de fornecer suporte mútuo. Isto ajudará a construir intimidade e reforçar as crenças

¹¹ Estas actividades religiosas incluem: rezar em conjunto; conversar acerca de como viver com a vontade de Deus; discutir questões espirituais ou o papel de Deus no casamento e participar em serviços religiosos mais formais e tradicionais (Mahoney, 2001)

individuais de cada um, sempre com o objectivo de fortalecer o compromisso do casamento (Mahoney, 2001).

Ambos os parceiros que vão com regularidade à missa têm um menor risco de divórcio relativamente ao grupo das pessoas casadas que não o fazem. Dado que o divórcio é um evento menos normativo para as pessoas mais religiosas, a dissolução do casamento pode ser uma grande crise para estas famílias (Mahoney & Tarakeshwar, 2005). O envolvimento religioso é um importante preditor da satisfação conjugal, compromisso, felicidade, ajustamento e de um casamento a longo prazo. É, então, sugerido que os casais que praticam a sua fé podem internalizar normas comportamentais ensinadas nas comunidades religiosas, que são consistentes com o compromisso do casamento. As práticas religiosas públicas ou privadas também podem oferecer um significado de *coping* positivo para lidar com dificuldades e perdas, em tempos de crise (Weaver *et al*, 2002). Existe, então, aparentemente uma possível ligação entre esperança, prática religiosa e conflitos no casal (Butler *et al*. 2002).

No entanto, no estudo de Hunler & Gençoz (2005), a religião e as resoluções de problemas no casamento, não estão relacionadas, isto é, a religiosidade não aumenta as habilidades de resolução de problemas no casamento. É importante realçar que a religiosidade no estudo de Hunler & Gençoz (2005), prevê a satisfação conjugal mas apenas quando as crenças são comuns ao casal.

Na investigação de Butler *et al* (2002), as orações para os casais religiosos, facilitam a reconciliação e a resolução de problemas. Verificou-se, então, que as orações envolvem uma experiência de relacionamento com Deus; diminuem as emoções hostis e reduzem a reactividade emocional; aumentam a orientação para a relação e para os comportamentos dos parceiros; facilitam a empatia; aumentam o foco de auto-mudança e encorajam a responsabilidade do casal para a reconciliação e a resolução de problemas. Então, conclui-se que, para os casais religiosos, a oração parece ser uma auto-intervenção comum durante os conflitos, usado com algum nível de sucesso.

Uma abordagem para reduzir os problemas do casamento e do divórcio é fornecer cuidados preventivos enquanto o casal está nas fases iniciais da construção da relação. A preparação para o casamento é uma experiência importante, em que são exploradas áreas como a comunicação, o compromisso, a resolução de conflitos, filhos, fé e valores (Weaver *et al* 2002). Num estudo de Hahlew *et al*. (1998; *in* Weaver *et al*., 2002) foi feita uma comparação entre casais católicos que participaram num programa de 15 horas de preparação para o casamento com um grupo de católicos que não recebeu nenhuma intervenção. O

principal objectivo do programa era ensinar competências de comunicação, de gestão de conflitos e de aumentar as dimensões positivas do relacionamento. Três anos depois dos casais terem passado por este programa de preparação para o casamento, os participantes apresentavam um melhor ajustamento matrimonial, uma menor probabilidade de ocorrer um divórcio e um progresso ao nível da comunicação, comparativamente aos casais que não participaram neste programa. A taxa de divórcio dos casais que não tiveram preparação para o casamento foi mais do que o dobro da taxa do que aqueles que participaram no programa (Weaver *et al*, 2002).

Mahoney *et al* (1999) propuseram que a religião pode ter efeitos proximais e distais na satisfação conjugal. As variáveis proximais referem-se à vivência do casal nas experiências religiosas, rituais religiosos e a celebração dos feriados religiosos. Estão ligadas à satisfação conjugal porque proporcionam oportunidades aos casais, para em conjunto, participarem nas várias actividades religiosas. As variáveis distais dizem respeito às crenças e práticas religiosas individuais.

A religiosidade opera de certo modo, de uma forma construtiva. Já vimos que a satisfação conjugal, pode estar positivamente relacionada com a religiosidade. Logo, é importante considerar as formas específicas em que a religião pode fortalecer o funcionamento do casamento. Nesta perspectiva, as instituições religiosas não transmitem apenas mensagens punitivas criadas para evitar a dissolução do casamento mas também transmitem mensagens de suporte, feitas para enriquecer as relações matrimoniais (Mahoney, 2001).

Noutra perspectiva, Sullivan (2001) refere que a religiosidade está relacionada com a satisfação conjugal através das atitudes e maneiras de estar na vida do casal. Os casais que são mais religiosos têm uma maior probabilidade de terem atitudes mais conservadoras face ao divórcio e maiores níveis de compromisso na relação. Contudo, no seu estudo efectuado com casais recém casados, verificou que o facto de um casal ser mais religioso não leva consequentemente a uma maior satisfação na relação conjugal. Também verificaram que os jovens maridos que têm mulheres mais religiosas estão menos satisfeitos com a relação do que os maridos cujas mulheres não são tão religiosas (Sullivan, 2001).

2. Processo metodológico

Este estudo constitui um estudo exploratório baseado numa amostra normativa de indivíduos adultos (casados ou em união de facto) e baseia-se numa abordagem quantitativa, ou seja, em técnicas de recolha, apresentação e análise de dados que permitiram a sua quantificação e o seu tratamento através de métodos estatísticos.

As abordagens quantitativas são caracterizadas por um raciocínio hipotético-dedutivo que, procurando respeitar a objectividade, pretende estabelecer factos, demonstrar relações entre variáveis, verificar teorias e dados, generalizar e prever fenómenos, a partir da recolha planeada e estruturada dos dados e do respectivo tratamento quantitativo, sendo que a respectiva análise decorre, geralmente, no final da recolha dos mesmos (Cuba & Lincoln, 1994, cit. por Ribeiro, 2002).

2.1. Desenho da Investigação

2.1.1. A Questão Inicial

O fio condutor da minha investigação pode traduzir-se na seguinte questão: **“Que semelhanças e diferenças existem ao nível da satisfação conjugal e da proximidade / intimidade, em casais em união de facto e casamento, tendo também em conta a sua religiosidade?”**. A partir desta questão, decorreu a fase exploratória do estudo: pesquisa e revisão bibliográfica, escolha dos instrumentos, recolha da amostra, análise dos resultados, discussão e as conclusões do estudo.

2.1.2. O Mapa Conceptual

O mapa Conceptual deve explicar – gráfica ou narrativamente – quais os principais construtos ou variáveis a investigar e as relações entre eles, dando, deste modo, informação sobre que dados devem ser recolhidos, e como é que as análises devem ser realizadas. Além de que, esta mapa deve ter sempre subjacente uma lógica sistémica, complexa e dinâmica dos diversos construtos.

À medida que os dados vão sendo recolhidos, o mapa conceptual pode ser reformulado, adquirindo maior precisão, considerando relações mais significativas,

reconstruindo relações, podendo, assim, influenciar a própria recolha de dados (Miles & Huberman, 1985, cit in, Narciso, 2001).

Partindo da questão inicial que formulámos actualmente para duas variáveis centrais – a *Satisfação Conjugal* e a *Proximidade / Intimidade* –, pretendemos perceber como é que estas duas variáveis se relacionam com as variáveis *situação relacional* e *religião*.

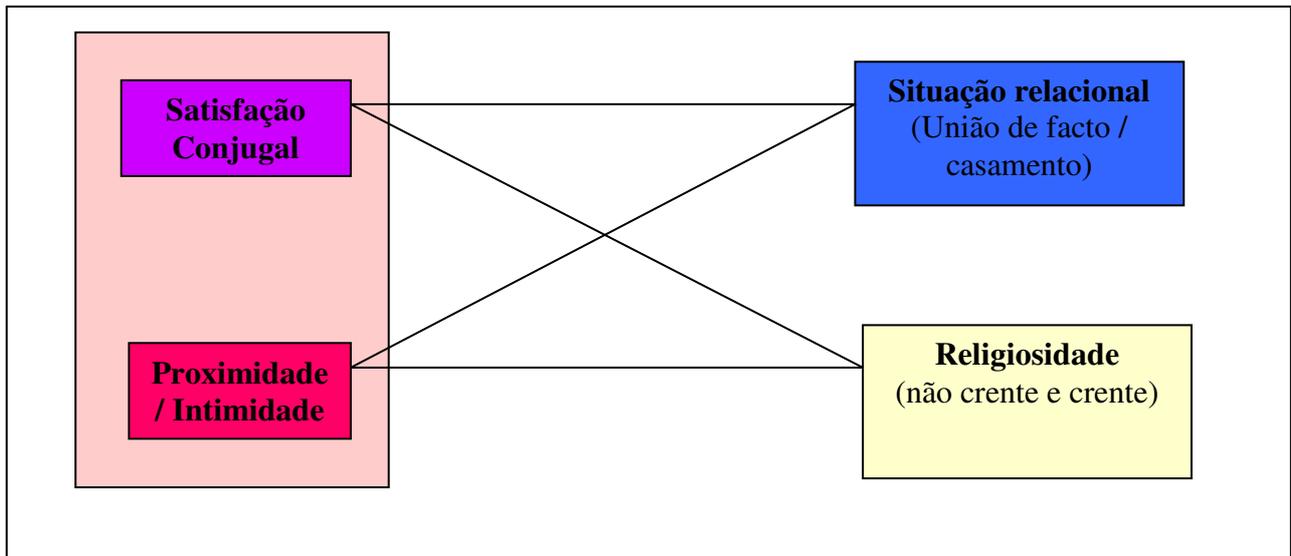


Figura 1: Mapa conceptual do estudo

Neste estudo, adoptamos o conceito de *Satisfação conjugal*¹² de Thompson (1988, cit. por Narciso 2001), de acordo com a qual, a satisfação conjugal implica uma avaliação pessoal e subjectiva do casamento.

O conceito de *Proximidade*¹³ utilizado neste estudo é o de Aron *et al.* (2003). O modelo de Aron *et al.* (2003) postula que numa relação próxima, cada um inclui no *self*, até certo ponto, os recursos, perspectivas e identidades do outro.

2.1.3. Os Objectivos Gerais e específicos

Este estudo insere-se na temática da conjugalidade, tendo como **objectivo geral**:

¹² A Satisfação Conjugal é definida por nove áreas da vida conjugal, sendo que quatro dessas áreas estão ligadas à afectividade da relação (amor): Sentimentos e Expressão de sentimentos; Sexualidade, Intimidade e Continuidade da relação e as outras cinco áreas ao funcionamento da relação: Funções, Tempos Livres; Autonomia / Privacidade; Comunicação e Conflitos e Relações extra-familiares.

¹³ Para uma melhor compreensão do conceito de Proximidade, *vide* ponto 1.4. do enquadramento teórico.

- Analisar a satisfação e a proximidade conjugal de participantes casados e em união de facto, em função da religiosidade (não crente e crente).

A partir deste objectivo geral, distinguimos os seguintes **objectivos específicos**:

1) Analisar a satisfação conjugal e a proximidade em função da situação relacional (casados / união de facto).

2) Analisar a satisfação conjugal e a proximidade em função da religiosidade (não crente e crente)¹⁴.

3) Investigar a satisfação em diferentes áreas da vida conjugal em função da situação relacional (casados / união de facto) dos participantes.

4) Investigar a satisfação em diferentes áreas da vida conjugal em função da religiosidade (não crente e crente) dos participantes.

2.1.4. Questões de Investigação

Perante o objectivo geral definido para a investigação e os estudos empíricos existentes, esboçámos um estudo exploratório que integra as seguintes questões de investigação:

1) Existem diferenças significativas relativamente à situação relacional do casal (casamento / união de facto), ao nível da satisfação conjugal?

2) Os participantes crentes na sua religião diferem dos que não são crentes, ao nível da satisfação conjugal?

3) Se existirem diferenças ao nível da satisfação, dependendo da situação relacional do casal em que áreas da vida conjugal essas diferenças serão mais significativas?

¹⁴ A Religiosidade é uma variável sócio-demográfica que foi avaliada pelos participantes tendo em conta se estes são crentes praticantes, crentes não praticantes ou não crentes. Neste estudo apenas considerou-se estudar a religiosidade do ponto de vista das pessoas serem crentes e não crentes, independentemente da sua prática religiosa, daí que tenhamos considerado o crente praticante e crente não praticante, dentro da mesma dimensão das pessoas crentes, tendo havido uma reclassificação destas variáveis na análise estatística.

4) Se existirem diferenças ao nível da satisfação, dependendo da religiosidade dos participantes, em que áreas da vida conjugal essas diferenças serão mais significativas?

5) Existem diferenças significativas relativamente à situação relacional do casal (casamento / união de facto), ao nível da proximidade ao cônjuge?

6) Os participantes crentes na sua religião diferem dos que não são crentes, relativamente ao nível da proximidade ao cônjuge?

2.1.5. Estratégia Metodológica

2.1.5.1. Processo de Selecção da Amostra

A amostra global insere-se nos estudos empíricos sobre a área da conjugalidade e parentalidade, no âmbito das dissertações de Mestrado Integrado no Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Esta recolha global permitiu, ainda, efectuar um estudo psicométrico das escalas utilizadas, realizado pelas Professoras Isabel Narciso Davide, Maria Teresa Ribeiro e Ana Sousa Ferreira. Como fomos, também, implicados na recolha da grande amostra, pudemos seleccionar os indivíduos adequados, para a amostra normativa do presente estudo.

As técnicas de amostragem a que recorremos são habitualmente referidas na literatura como pertencendo ao grupo das técnicas de amostragem não probabilísticas (Fink, 1995; Pedhazur & Schmelkin, 1991; *in* Ribeiro 2002) ou métodos de amostragem dirigida ou não casual¹⁵ (Hill & Hill, 2000; *in* Ribeiro 2002). Este tipo de técnicas baseia-se em julgamentos relativamente a características da população alvo e às necessidades da investigação. Consistem no recurso a indivíduos (neste caso, casais com filhos e sem filhos, casados ou em união de facto) que, preenchendo as condições de inclusão na amostra, voluntariamente se dispõem a participar na investigação.

2.1.5.1.1 Caracterização da amostra em estudo

Atendendo aos objectivos e/ou hipóteses que orientam os diversos estudos empíricos, a nossa população alvo consistiu em indivíduos com filhos e sem filhos, casados (50%) ou em união de facto (50%). No que se refere à zona geográfica de residência, todos os indivíduos

¹⁵ Também conhecida por amostragem de conveniência.

pertenciam ao meio urbano (Portugal Continental, Açores e Madeira). Tivemos em consideração variáveis sócio-demográficas como o sexo, nível de escolaridade, origem étnica / racial, idade, profissão, zona de residência habitual, estado civil, com quem habita, situação relacional, número de filhos, acompanhamento psicológico ou psiquiátrico e a religiosidade.

A amostra é constituída por 146 indivíduos¹⁶: 42,5% do sexo masculino e 57,5% do sexo feminino. A maioria possui (50,7%) habilitações ao nível do ensino superior ou entre 10 a 12 anos de escolaridade (28,1%). Quase todos os indivíduos são de origem caucasiana (97,2%) e possuem idades compreendidas entre 30-39 anos (39,7%) e entre os 20-39 (31,5%). 51,4 % dos indivíduos possuem um nível sócio-económico médio/alto e alto e 44,5% apresentam um nível sócio-económico médio. A grande maioria reside na grande Lisboa (66,4%).

Referente à situação relacional, 50% dos indivíduos são casados e os outros 50% vivem em união de facto, como podemos observar no quadro 1. A maioria dos casados tem um tempo de casamento situado entre os 0-4 anos (24,4%), assim como entre os 5-9 anos (24,4%). Este é o primeiro casamento para 90,4% dos indivíduos. A maioria dos participantes que vivem em união de facto coabitam há 2-4 anos (63%), sendo que para 97,9% destes participantes esta é a primeira união de facto. 97,3% dos participantes vivem em famílias do tipo nuclear.

<i>Situação Relacional</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem Válida (%)</i>
Casamento	73	50%
União de facto	73	50%
Total	146	100%

Quadro 1: Distribuição da Amostra por Situação Relacional

Quanto ao número de filhos, 54,8% dos indivíduos têm filhos, dos quais 73,8% são biológicos e 11,9% são mistos. A maioria tem filhos de diversas idades (42,9%). Os indivíduos sem filhos representam 45,2% da amostra, seguindo-se, um filho, para 28,1% dos indivíduos. 83,6% nunca teve acompanhamento psicológico ou psiquiátrico.

Quanto à religiosidade, 47,9% dos indivíduos não são crentes, 41,8% são crentes não praticantes e 10,3% são crentes praticantes, como podemos observar no quadro 2.

¹⁶Este estudo constitui um recorte da amostra de uma investigação mais vasta sobre conjugalidade e parentalidade, na FPCE-UL, mais especificamente, no núcleo de Psicologia Clínica Sistémica.

<i>Religiosidade</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem Válida (%)</i>
Não crente	70	47,9%
Crente não praticante	61	41,8%
Crente praticante	15	10,3%

Quadro 2: Distribuição da Amostra por Religiosidade

Para uma consulta detalhada das características da amostra em estudo, consultar apêndice 1.

2.1.5.2. Escolha e Descrição dos Instrumentos utilizados

Tendo em conta a finalidade e os objectivos da nossa investigação, pareceu-nos mais indicado optar por escalas de avaliação (*rating scales*) (Kerlinger, 1986; Pedhazur & Schmelkin, 1991, cit. por Ribeiro, 2002). A escolha de alguns instrumentos já construídos em vez do desenvolvimento de escalas de avaliação próprias deveu-se a várias razões desde, a segurança e confiança com instrumentos que já temos algum contacto e com a qual já é tradição de investigação e o facto de permitir poupar tempo.

Todos os indivíduos que participaram neste estudo preencheram diversos questionários. Esses questionários eram: Questionário Geral sobre os dados sócio-demográficos¹⁷; a Escala de Vinculação à Mãe/ Pai / Outro Significativo (A&QRI-S)¹⁸; o *Family Environment Scale* (FES)¹⁹; a Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC)²⁰; a Escala de Inclusão do Outro no *Self* (I.O.S.)²¹ e o FACES II²². Para os indivíduos com filhos, ainda havia o Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP)²³ (versão “mãe” e versão “pai”) e o Inventário de Aliança Parental (IAP)²⁴.

Apenas debruçar-me-ei na descrição dos instrumentos que foram utilizados neste presente estudo empírico, sendo eles: Questionário Geral; EASAVIC e IOS.

¹⁷ Narciso & Ribeiro, 2008.

¹⁸ Moreira, 1998.

¹⁹ Moos & Moos; 1986. Adaptação Portuguesa de Matos & Fontaine, 1992. Versão Retrospectiva de Pascoal & Narciso.

²⁰ Narciso & Costa, 1996

²¹ Aron, Aron, & Smollan, 1992

²² Olson, Portner & Bell, 1982. Adaptação Portuguesa por Fernandes, 1995.

²³ Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001. Adaptação Portuguesa por Carapito, Pedro e Ribeiro, 2007.

²⁴ Abidin, 1995. Adaptação Portuguesa por Pedro e Ribeiro, 2007.

2.1.5.2.1. Questionário Geral

Este questionário encontrava-se no início do protocolo com a finalidade de recolher os dados sócio-demográficos dos indivíduos, como: sexo; escolaridade; origem étnica/ racial; idade; profissão ou ano escolar se for estudante; zona de residência habitual; estado civil; habita com; situação relacional; filhos (biológicos /adoptivos / enteados); acompanhamento psicológico ou psiquiátrico e religiosidade.

2.1.5.2.2. Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC)

Esta escala foi criada pelas autoras Isabel Narciso Davide e Maria Emília Costa, em 1996 e, parte do pressuposto de que a satisfação conjugal resulta de uma avaliação subjectiva e pessoal do casamento, não devendo, por isso, ser avaliada a partir de critérios externos aos indivíduos. Deste modo, concebeu-se um instrumento de auto-avaliação da satisfação que permitisse ser um indicador da satisfação experienciada em várias áreas da vida conjugal global, pela análise da satisfação referida na totalidade das áreas.

A escala é constituída por 44 itens organizados em cinco áreas da vida conjugal relativas à dimensão funcionamento conjugal – funções familiares, tempos livres, autonomia, relações extra-familiares, e comunicação e conflitos; e a cinco áreas relativas à dimensão amor – sentimentos e expressão de sentimentos, sexualidade, intimidade emocional, continuidade, características físicas e psicológicas. Do total dos itens, 16 têm como foco o casal, 14 focalizam-se no inquirido e 14 no cônjuge (Narciso e Costa, 1996, Narciso, 2001). Trata-se de uma escala de Likert em seis pontos, o que permite que cada indivíduo avalie a sua satisfação entre *Nada Satisfeito* (1), *Pouco Satisfeito* (2), *Razoavelmente Satisfeito* (3), *Satisfeito* (4), *Muito Satisfeito* (5), e *Completamente Satisfeito* (6).

No estudo psicométrico realizado por Narciso e Costa (1996), a escala revela fortes índices de validade e precisão, sendo os *alphas de Cronbach* para ambos os factores, amor e funcionalidade, bastante elevados (> 0,90).

Uma das vantagens da utilização desta escala é o facto de ter subjacente uma concepção dinâmica que compatibiliza satisfação e insatisfação, permitindo discriminar áreas de força ou de fragilidade que constituirão um elemento válido de diagnóstico ao nível da

prática clínica. Contudo, o emaranhamento conceptual é ainda nítido, na medida em que se confundem áreas com processos. A importância da valorização pessoal da satisfação em cada área para a satisfação conjugal global, não é tomada em consideração, o que se traduz nalguma relatividade do resultado global da escala. A EASAVIC não contempla a área relativa aos Filhos²⁵, o que constitui um limite da escala quando aplicada também a casais com filhos, dada a influência destes na vida conjugal. Finalmente, e como em qualquer instrumento quantitativo, a informação é limitada, na medida em que não permite o acesso à compreensão dos processos e significações inerentes à satisfação (Narciso, 2001).

2.1.5.2.3. Escala de Inclusão do Outro no *Self* (IOS de Aron, Aron & Smollan)

A proximidade entre os membros do casal foi avaliada através da Escala de Inclusão do Outro no *Self*, tradução do nome original *Inclusion of Other in the Self Scale* (Aron, Aron, Smollan, 1992). A IOS é uma medida gráfica composta por um só item que consiste numa série de diagramas de Venn que representam diferentes graus de sobreposição entre dois círculos que, por sua vez, representam o outro e o *self*. Na administração desta escala, é pedido aos participantes que escolham a figura que melhor descreve a sua relação com o/a companheiro/a. Cada figura corresponde ao grau de proximidade que o participante percebe na sua relação com o outro, que pode ir de 1 a 7.

O modelo de expansão do *self* proposto por Aron e Aron, em 1986, sugere que nas relações próximas, o indivíduo pode perceber o *self* como incluindo recursos, perspectivas e identidades do outro (Aron, Mashed & Aron, 2004, cit. por Crespo, 2007). Estes autores efectuaram estudos correlacionais com outras medidas de proximidade que demonstraram a validade concorrente e convergente da escala IOS. Através de uma análise confirmatória, os autores consideraram que a proximidade poderia incluir dois factores “sentir-se próximo” e “agir próximo”. A IOS foi a única escala que se mostrou associada aos dois factores de um modo consistente, podendo-se concluir que inclui aspectos relativos aos sentimentos e aos comportamentos de proximidade. Posteriormente, Agnew, Loving, Le e Goodfriend (2004, cit. por Crespo, 2007), acrescentaram a dimensão “pensar próximo” como parte integrante dos aspectos da proximidade avaliados pela IOS (Crespo, 2007).

²⁵ Apesar da questão dos filhos não ser abordado neste estudo, acho que é importante mencionar esta limitação da EASAVIC.

2.1.5.3 Procedimento na recolha de dados

Os questionários aplicados na nossa amostra inserem-se numa investigação ampla, que abrangem vários temas do interesse de cada investigador, sendo que todos contribuíram para os diversos temas, aplicando os vários instrumentos avaliativos em forma de questionário, aos seus participantes. O N total da amostra é o somatório do grupo de participantes de cada investigador. Posteriormente, cada investigador analisará os instrumentos que interessem ao seu estudo (o tema escolhido).

A recolha da amostra normativa foi realizada entre Dezembro de 2007 a Janeiro de 2008. O conjunto dos questionários era acompanhado de uma folha introdutória²⁶ (que explicava os objectivos do estudo, assegurava o anonimato dos participantes, referia as instruções de preenchimento dos questionários que se seguiam e os respectivos agradecimentos). No início, contactámos os participantes que aceitaram colaborar, com o intuito de esclarecer os objectivos da investigação e para marcar uma data de forma a poderem preencher os questionários. A aplicação era feita individualmente, na nossa presença, no domicílio dos participantes à hora combinada por estes. Durante a aplicação, era pedido que cada indivíduo respondesse individualmente aos questionários (no caso dos casais). Terminado o preenchimento dos questionários, estes eram colocados num envelope que era fechado e ao qual era atribuído um código.

²⁶ Vide anexo I

3. Resultados

3.1. Resultados globais

No quadro 3, apresentamos os resultados estatísticos descritivos relativos às variáveis²⁷ Satisfação conjugal e Proximidade.

	<i>Satisfação Conjugal</i>	<i>Proximidade</i>
	<i>Easavic</i>	<i>IOS</i>
% n totais válidos	87,7%	87,7%
Máximos	5,82	7
Mínimos	2,59	2
Média	4,73	
Mediana	4,77	6
Desvio-padrão	0,67	
Dispersão Inter-quartis	0,81	2
Alphas de Cronbach²⁸	0,97	0,95

Quadro 3: Estatística descritiva da tendência central, Dispersão e Coeficientes de Consistência Interna

As escalas apresentam fortes coeficientes de consistência interna, segundo os estudos psicométricos realizados. Os resultados indicam que, em geral, os participantes avaliam de modo satisfatório a sua relação conjugal e consideram-se muito próximos do seu parceiro (a).

3.2. Normalidade e Homogeneidade

	EASAVIC	IOS
(Sig. $\alpha = .05$)	.016	.000

Quadro 4: Teste da Normalidade de Kolmogorov-Smirnov

²⁷ Estas variáveis correspondem à média dos itens de cada escala.

²⁸ Alphas de Cronbach actualizados pelos estudos psicométricos no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia Sistémica no ano 2008, na FPCE – UL

No que se refere à análise da distribuição da amostra global, verifica-se que não se pode assumir a normalidade, tal como é indicado pelos testes de Kolmogorov-Smirnov, nos quais tanto para satisfação conjugal ($p=.016$) como para a proximidade ($p<.000$), rejeitou-se a hipótese de normalidade da distribuição. Esta situação também se verificou ao nível das amostras referentes à situação relacional (casamento e união de facto) e religiosidade (crentes e não crentes), para estas mesmas variáveis ($p<.000$). Esta situação também foi observada a nível gráfico (Q-Q plot) em que ocorria algum desajustamento dos valores observados à recta normal.

No que se refere à assumpção de que existe homogeneidade das variâncias com base no Teste de Levene, verificamos que esta não existe entre as amostras relativas à situação relacional ($F=12.18$; $p<.001$) e as amostras relativas à religiosidade ($F=5.338$; $p<.05$), quando consideradas as diferenças ao nível da satisfação conjugal.

Como existe violação dos pressupostos da normalidade e da homogeneidade de variâncias, recorreremos aos testes não-paramétricos (Maroco, 2007).

3.3. Diferenças entre grupos nas variáveis Satisfação Conjugal e Proximidade

Pretendemos analisar comparativamente as variáveis em estudo, entre união de facto e casamento (situação relacional) e crentes e não crentes (religiosidade). Para esta finalidade, utilizámos o teste Wilcoxon-Mann-Whitney, que é um teste não-paramétrico adequado para comparar a distribuição das variáveis estudadas em duas amostras independentes (Maroco, 2007).

	Grupos comparados	Média da Soma das Ordens	Valor -p
Satisfação conjugal	Casamento	63,99	.020 ²⁹
	União de facto	80,12	
	Crentes	74,64	.431
	Não crentes	69,17	
Proximidade	Casamento	68,32	.519
	União de facto	64,16	
	Crentes	69,19	.294
	Não crentes	62,45	

Quadro 5: Teste Wilcoxon-Mann-Whitney

Podemos admitir, analisando a Satisfação Conjugal, que existem diferenças significativas entre casamento e união de facto ($p = .020 < .05$). A média da soma das ordens da união de facto (80,12) é superior à média da soma das ordens da amostra casamento (63,99). Contudo, não foram encontradas diferenças significativas relativamente aos crentes e não crentes, no que diz respeito à satisfação conjugal. Porém, na Satisfação Conjugal, a média da soma das ordens dos crentes é ligeiramente superior à média da soma das ordens dos não crentes.

Analisando a Proximidade, podemos admitir que, em geral, não foram encontradas diferenças significativas entre a situação relacional e a religiosidade. No entanto, a média da soma das ordens no casamento é ligeiramente superior à média da soma das ordens da união de facto, assim como a média da soma das ordens dos crentes é ligeiramente superior à média da soma dos não crentes.

3.4. Análise descritiva dos resultados ao nível das áreas da vida conjugal

Relativamente às diferentes áreas da vida conjugal (EASAVIC), foram analisadas as frequências dos 44 itens com a respectiva classificação (1 a 6 na escala de Lickert) e através da moda, tivemos de ver os itens que foram respondidos mais vezes 5 e 6 (que correspondem à classificação “muito satisfeito” e “completamente satisfeito”, respectivamente) e mais vezes 1 e 2 (que correspondem à classificação “nada satisfeito” e “pouco satisfeito”, respectivamente). Estes itens, por sua vez, correspondem a uma certa área da vida conjugal. É preciso ter em conta que tanto na análise da situação relacional como na religiosidade, verificou-se que a maioria dos itens são classificados, com “5” e “6”, não havendo nenhuma classificação de “1” e muito poucas de “2”. Por esta razão, optou-se por analisar os itens que foram respondidos mais vezes com “6”, com “3” (“razoavelmente satisfeito”) e “4” (“satisfeito”), sendo que os restantes são maioritariamente classificados com “5”.

No que se refere à situação relacional, não existem muitas diferenças na análise dos itens. Na sub-amostra casamento, verificou-se que as áreas da vida conjugal em que estes estão completamente satisfeitos, referem-se à sexualidade, continuidade da relação e sentimentos e expressão de sentimentos. A única área que apresenta uma classificação de “razoavelmente satisfeito” é a dos tempos livres. Na sub-amostra união de facto, verificou-se que as áreas da vida conjugal em que estes apresentam maioritariamente itens de “completamente satisfeitos”, referem-se à intimidade emocional, sentimentos e expressão de

sentimentos e sexualidade. À área que corresponde à classificação de “2”, refere-se aos tempos livres.

No que se refere à religiosidade, também não existem muitas diferenças na análise dos itens. Na sub amostra crentes, verificou-se que a área da vida conjugal em que estes apresentam maioritariamente mais itens de “completamente satisfeitos”, refere-se à sexualidade. A área que é maioritariamente classificada com “3” é a dos tempos livres, seguida das funções familiares, classificada com “4”. Na sub amostra não-crentes, os tempos livres são classificados com “2” e as áreas relativas aos sentimentos e expressão de sentimentos, sexualidade e intimidade emocional, são classificadas maioritariamente com itens “6”.

4. Discussão

Nesta secção, pretende-se enquadrar a análise dos resultados com as questões de investigação, pelos quais o estudo se regeu. Relembramos em primeiro lugar, os objectivos do estudo: analisar a *satisfação conjugal* e a *proximidade* em função da situação relacional e da religiosidade e investigar a satisfação em diferentes áreas da vida conjugal em função da situação relacional e da religiosidade.

Debateremos, então, estes objectivos, tentando articular com outros trabalhos empíricos. Posteriormente, apresentarei as principais conclusões e algumas limitações deste estudo exploratório.

1. Reflexões das comparações

Começamos por analisar a sub-amostra união de facto e casamento, relativamente aos resultados da *satisfação conjugal*. Em geral, ambas as sub-amostras classificam as suas relações como satisfatórias, sendo que foram encontradas diferenças significativas, tendo a união de facto apresentado, uma maior satisfação conjugal.

Muitos autores defendem que existe uma maior satisfação conjugal nos indivíduos casados, do que nos indivíduos que vivem em união de facto. Este aspecto faz-nos recordar vários estudos mencionados na revisão de literatura (Cohan & Kleinbaum, 2002; Thomson & Colella, 1992; Newcomb, 1986 e Ambert, 2003).

Contudo, contrariamente ao que costuma ser mais encontrado ou esperado na literatura, a satisfação conjugal foi superior na união de facto relativamente ao casamento. Várias razões podem ter originado estes resultados, visto que, por exemplo para Brown (2003), também referido na revisão de literatura, os coabitantes que têm intenção de se casar, vivenciam níveis de satisfação conjugal semelhantes aos coabitantes que já se casaram, podendo concluir-se que a união formal não implica necessariamente um aumento na qualidade da relação (Brown, 2003). Estas uniões informais ou modelos de vida alternativos proporcionam, tanto ao homem como à mulher, um grande envolvimento e cooperação interpessoal, o respeito pelas diferenças de cada um, o viver em concordância com valores e estilos de vida que os gratificam e satisfazem (Relvas & Alarcão, 2002), sendo que, à medida que o número de coabitações vai aumentando e sendo cada vez mais aceites, as diferenças entre aqueles que coabitam e aqueles que casam estão cada vez menos salientes (Ambert,

2003). Num estudo comparativo sobre qualidade conjugal, casamento e união de facto, em que foi utilizada a escala de ENRICH³⁰, verificou-se que quer na amostra de união de facto quer na de casamento, os valores mais elevados são comuns nas duas amostras.

Podemos analisar os resultados, partindo de uma análise dialéctica da satisfação, ou seja, considerando que a vivência conjugal é feita de descontinuidades, de alterações entre momentos de afectividade positiva e negativa, onde satisfações e insatisfações coexistem (Narciso, 2001). A satisfação conjugal sofre mudanças ao longo do ciclo de vida familiar. Há inclusivamente quem defenda que a satisfação conjugal pode ser analisada com uma curva de “U” em que esta decai nos primeiros 10 ou 15 anos de união conjugal e depois tende a aumentar novamente. O facto de o tempo de união de facto ser menor do que a sub-amostra dos casados, pode explicar o facto de estarem mais satisfeitos nesta fase mais inicial da união conjugal. O período de menor satisfação conjugal corresponde (sendo que não é necessariamente causado por), ao nascimento e crescimento dos filhos. Quando os filhos saem de casa, a satisfação tende a subir novamente (Williams *et al.* 2006). Também é de salientar que o facto da amostra de casados ter uma maior percentagem de filhos do que os da união de facto, pode ter contribuído, em parte, para este resultado.

Ainda dentro da satisfação conjugal, relativamente à religiosidade, não foram encontradas diferenças significativas, nas sub-amostras crentes e não crentes. Ambas as sub-amostras caracterizam as suas relações como satisfatórias.

É defendido em muitos estudos, por vários autores, que também foram referidos na revisão de literatura, que a religiosidade é um preditor importante da satisfação conjugal, compromisso, felicidade e ajustamento de uma relação conjugal a longo prazo e que, um maior nível de religiosidade está ligado a uma taxa menor de divórcio (Hunler & Gençoz, 2005; Mahoney, 2001; Butler *et al.* 2002; Weaver *et al.*, 2002 e Mahoney & Tarakeshwar, 2005). Contudo, Sullivan (2001), no seu estudo efectuado com casais recém casados, verificou que o facto de um casal ser mais religioso não leva conseqüentemente a uma maior satisfação na relação conjugal. Booth *et al.* (1995; *in* Sullivan, 2001) também descobriram que não há relação entre a religiosidade e a satisfação conjugal. Schumm *et al.* (1989; *in* Sullivan, 2001) constataram que não existe relação entre a prática de frequentar as missas e a qualidade da relação conjugal, assim como Thornes and Collard (1979; *in* Sullivan, 2001) não verificaram diferenças no nível de religiosidade entre os casais que estão casados e aqueles que se divorciaram.

Estes resultados positivos relativamente à satisfação conjugal, quer ao nível da situação relacional quer ao nível da religiosidade, também podem ser explicados pela

influência da desiderabilidade social, ou ainda, pelas “distorções idealistas” da qualidade da relação (Narciso, 2001).

É curioso verificar que na sub-amostra união de facto existe uma menor percentagem de indivíduos crentes praticantes e uma maior percentagem de indivíduos crentes não praticantes comparativamente à sub-amostra casamento, em que esta percentagem corresponde ao inverso³¹. Nos estudos de Call and Heaton (1997; *in* Ambert 2003), verificou-se que os casais que coabitam são menos religiosos do que aqueles que casam sem coabitação prévia.

Relativamente à *proximidade*, não existem diferenças significativas relativamente à situação relacional e relativamente à religiosidade, estando os indivíduos, em geral, muito próximos do seu parceiro(a).

Tendo em conta uma perspectiva sistémica relativamente ao modelo de *Inclusão do Outro no Self* de Aron e Aron (1986), podemos dizer que, numa relação conjugal, cada parceiro(a) tende a desenvolver uma identidade focada na relação e uma representação pluralista de si próprio na relação, ou seja, que o indivíduo deixa de se ver só a si próprio e também passa a ver-se como parte de um colectivo constituído por si e pelo outro. Os sujeitos, ao projectarem a sua relação como muito próxima, sentem interdependência e confiança relativamente ao seu cônjuge ou, então, sentem a relação como “fusional”, que significa que o *self* de um ou de ambos se “perderam” na relação (Crespo, 2007). Isto remete-nos para a limitação da IOS: como este instrumento apresenta formas gráficas e não verbais, na qual os participantes têm de escolher qual o grau de intersecção do seu *self* com o do parceiro, este instrumento não permite avaliar as características dessa intersecção, havendo dificuldade em distinguir níveis de proximidade desejáveis ou “fusionais” (Crespo, 2007).

Relativamente às **áreas da vida conjugal da EASAVIC**, não foram encontradas muitas diferenças intra sub-amostras: situação relacional e religiosidade. Tratando-se de uma amostra em que a maioria dos indivíduos se encontra satisfeita, como já pudemos constatar, seria de esperar que em todos os participantes, o resultado global da escala variasse entre razoavelmente satisfeito e completamente satisfeito e, de facto, os resultados não fugiram muito deste pressuposto. Do conjunto das relações com as várias áreas da vida conjugal, as que se classificaram como mais altas foram as áreas relativas à intimidade. Segundo Narciso e Costa (1996), a satisfação conjugal relativa às áreas da funcionalidade não tem uma influência significativa na satisfação conjugal global, o que não acontece nas áreas correspondentes ao amor, em especial as que se referem à intimidade emocional, expressão de sentimentos e sexualidade. De acordo com o que foi descrito, o que se verificou ao analisar estas diferentes

áreas da vida conjugal, nas duas sub-amostras, foi que a intimidade emocional, os sentimentos e expressão de sentimentos e a sexualidade, foram as áreas de maior satisfação e a de menor satisfação, foi a dos tempos livres.

Apesar da EASAVIC possibilitar a diferenciação de dimensões, áreas e focos de maior e menor satisfação, é importante referir que não permite uma discriminação de diferentes níveis de satisfação conjugal, particularmente numa amostra de indivíduos satisfeitos³². Como já referimos no início da discussão, estes resultados da escala também podem ser influenciados pelo efeito de desiderabilidade social, ou por Distorções Idealistas (Narciso, 2001).

Conclusões

No presente estudo, ilustramos, em consequência das questões de investigação, que:

- 1) Não existem diferenças significativas relativas à religiosidade dependendo da satisfação conjugal, mas, na situação relacional, verificou-se uma maior satisfação na sub-amostra união de facto.
- 2) Não existem diferenças significativas relativas à religiosidade e à situação relacional, dependendo da proximidade.
- 3) Nas áreas da vida conjugal da Easavic, em ambas as sub-amostras, as áreas classificadas como mais satisfatórias foram: a intimidade emocional, os sentimentos e expressão de sentimentos e a sexualidade e a de menor satisfação foi a dos tempos livres.

Relativamente às limitações do estudo, é de realçar que, devido ao carácter exploratório deste estudo, não podemos fazer generalizações para a população em geral.

Este trabalho baseou-se nas percepções dos participantes, em que estas funcionam como uma “fotografia” de um momento da relação, não sendo possível, neste estudo, verificar as interacções e dinamismos complexos das percepções e processos relacionais inerentes a uma relação conjugal. Segundo Narciso (2001), estas percepções correspondem aos acontecimentos relacionais e aos comportamentos aos quais os indivíduos atribuem significado, que é afectada por diversos factores, tais como, o cansaço, os estados emocionais e estruturas cognitivas disponíveis.

Devido ao facto de ter sido efectuado um recorte da amostra para este estudo (tendo em conta as variáveis que se pretendia estudar), a amostra final foi relativamente pequena, havendo necessidade, posteriormente, de fazer estudos empíricos com amostras maiores e mais diversificadas. A amostra também não apresenta uma diversidade desejada relativamente às características sócio-demográficas dos participantes, no que diz respeito a variáveis sócio-económicas como as habilitações literárias e estatuto sócio-económico.

Relativamente às limitações dos instrumentos utilizados, quer da IOS quer da EASAVIC, já foram referenciados no corpo da discussão e na descrição dos instrumentos no processo metodológico.

Relativamente à investigação no campo da religiosidade, é importante ter em conta que o uso de casais heterogéneos (por exemplo: diferentes tempos de casamento, casais com e sem filhos, primeiros casamentos e segundos casamentos) torna difícil determinar como é que a religiosidade pode diferentemente afectar vários estádios do casamento ou diferentes tipos de casamento (Sullivan, 2001) e, no futuro, seria importante ter em conta esta consideração. É necessário mais investigação nesta área, para compreender de forma mais eficaz, o papel da religiosidade na prevenção e na resolução de problemas quer ao nível da relação conjugal como na família (Weaver *et al.* 2002). No que toca à situação relacional, a natureza da satisfação conjugal tem vindo a alterar-se devido às mudanças dos papéis de género e do vasto leque de opções relativas ao estado relacional, como o casamento, famílias monoparentais, união de facto e divórcio. Logo, é necessário efectuar estudos qualitativos mais profundos de casais que estejam casados ou que coabitem, de vários grupos étnicos e com diferentes classes sociais (Ambert, 2003).

Em suma, pretende-se que o estudo contribua para futuras investigações nas áreas da conjugalidade e das famílias em Portugal, de forma a actuar de modo preventivo e ao nível da compreensão, acerca das novas formas de família que têm sido adoptadas ao longo destes anos.

Referências Bibliográficas

Ambert, A. (2003). Cohabitation and Marriage: are they equivalent? Referência incompleta.

Aron, A., Mashek, D., Aron, E. N. (2003). Closeness as Including Other in the Self in A. Aron, & D. Mashek (Eds.). *Handbook of Closeness and Intimacy* (p. 27- 42). Lawrence Erlbaum Associates.

Aron, A., McLaughlin-Volpe, T., Mashek, D., Lewandowski, G., Wright, S. C., Aron, E. N. (2004). Including Others in the self. *European Review of Social Psychology*, 15, 101-132.

Brown, S. (2003). Moving from cohabitation to marriage: effects on relationship quality. *Social Science Research*, 33 (1), 1-19.

Butler, M., Stout, J. & Gardner, B. (2002). Prayer as a Conflict Resolution Ritual: Clinical Implications of Religious Couples Report of Relationship Softening, Healing Perspective, and Change Responsibility. *The American Journal of Family Therapy*, 30, 19-37.

Cohan, C. & Kleinbaum, S. (2002). Toward a Greater Understanding of the Cohabitation Effect: Premarital Cohabitation and Marital Communication. *Journal of Marriage and Family*, 64, 180-192.

Crespo, C.A. (2007). *Rituais Familiares e o Casal: Paisagens Inter-Sistémicas*. Tese de doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Crespo, C., Narciso, I., Ribeiro, M., & Costa, I. (2006). Desenvolvimento da escala de dimensões da intimidade: primeiro estudo empírico. *Revista Psychologica*, 41, 45-63.

Espina, A. Millán, M. (1996). La constitución de la pareja. In M. Millán (Ed.), *“Psicología de la Familia”: un enfoque evolutivo y sistémico* (vol.1). (p. 39-63) Valência: Promolibro.

Fiese, B. & Tomcho, T. (2001). Finding Meaning in Religious Practices: The Relation Between Religious Holiday Rituals and Marital Satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 15 (4), 597-609.

Gameiro, J. (2007). *Entre Marido e Mulher...Terapia de Casal*. Lisboa: Trilhos Editora.

Gottman, J.M. (1998). Psychology and the Study of Marital Processes. *Annual Review of Psychology*, 49, 169-197.

Gottman, J. & Levenson, R. (1985). Physiological and Affective Predictors of Change in Relationships Satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49 (1), 85-94.

Gottman, J.M. & Notarius, C. (2002). Marital Research in the 20th Century and a Research Agenda for the 21st Century. *Family Process*, 41 (2), 159-197.

Gottman, J.M. & Silver, N. (2001). *Os Sete Princípios do Casamento*. Cascais - Portugal: Editora Pergaminho.

Hunler, O. & Gençoz, T. (2005). The effect of religiousness on marital satisfaction: testing the mediator role of marital problem solving between religiousness and marital satisfaction relationship. *Contemporary Family Therapy*, 27 (1), 123-136.

Mahoney, A., Pargament, K.I., Jewell, T., Swank, A., Scott, E., Ernery, E. & Marke, R. (1999). Marriage and the Spiritual Realm: The Role of Proximal and Distal Religious Constructs in Marital Functioning. *Journal of Family Psychology*, 13 (3), 321-338.

Mahoney, A., Pargament, K.I., Tarakeshwar, N. & Swank, A.B. (2001). Religion in the Home in the 1980s and 1990s: A Meta-Analytic Review and Conceptual Analysis of Links Between Religion, Marriage, and Parenting. *Journal of Family Psychology*, 15 (4), 559-596.

Mahoney, A. & Tarakeshwar, N. (2005). Religion's Role in Marriage and Parenting in Daily Life and during Family Crises. In F. Paloutzian & Park, C. (Eds.), *Handbook of the Psychology of Religion and Spirituality* (p. 177-195). New York: The Guilford Press.

Maroco, J. (2007). *Análise Estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

Moore, K., McCabe, M. & Brink, R. (2001). Are married couples happier in their relationships than cohabiting couples? Intimacy and relationship factors. *Sexual and Relationship Therapy*, 16 (1), 35-46.

Narciso, I. (1994). Metamorfoses do Amor e da Satisfação Conjugal. *Trabalho de síntese no âmbito das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica* (não publicado). FPCEUL.

Narciso, I.(2001). *Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas: à procura do padrão que liga*. Tese de doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Narciso, I. (2002). Janela com vista para a intimidade. *Revista Psychologica*, 31, 49-62.

Narciso, I. & Costa, M.(1996). Amores Satisfeitos, mas não Perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115-130.

Narciso, I. Costa, M. & Prata, F. (2002). Intimidade e Compromisso Pessoal ou “Aquilo que pode fazer com que um casamento funcione”. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 36, 67-88.

Newcomb, M. (1986). Sexual Behavior of Cohabitators: A comparison of Three Independent Samples. *The Journal of Sex Research*, 22 (4), 492-513.

Oliveira, J. B. (2000). *Psicologia da Religião*. Coimbra: Almedina

Relvas, A.P. & Alarcão, M. (Coords.) (2002). *Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto Editora.

Ribeiro, M. T. (2002). *Da diversidade do masculino e do feminino à singularidade do casal*. Tese de doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Stack, S. & Eshleman, R. (1998). Marital Status and Happiness: A 17- Nation Study. *Journal of Marriage and The Family*, 60, 527-536.

Sullivan, K. (2001). Understanding the Relationship Between Religiosity and Marriage: An Investigation of the Immediate and Longitudinal Effects of Religiosity on Newlywed Couples. *Journal of Family Psychology*, 15 (4), 610-626.

Thomson, E., & Colella, U. (1992). Cohabitation and Marital Stability: Quality or Commitment? *Journal of Marriage and the Family*, 54, 259-267.

Weaver, A., Samford, J., Morgan, V., Larson, D., Koenig, H. & Flannelly, K. (2002). A Systematic Review of Research on Religion in Six Primary Marriage and Family Journals: 1995-1999. *The American Journal of Family Therapy*, 30, 293-309.

Williams, B., Swayer, S. & Wahlstrom, C. (2006). *Marriages, Families, and Intimate Relationships - a Pratical Introduction*. Boston: Pearson Education, Inc.

ANEXOS

ANEXO I

Investigação sobre Família, Conjugalidade e Parentalidade

Os questionários que se seguem inserem-se numa investigação de mestrado sobre relações familiares, a decorrer na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, sob a orientação das Professoras Doutoras Isabel Narciso Davide e Maria Teresa Ribeiro.

No âmbito desta investigação, é necessário recolher dados através de questionários. A análise destes dados vai permitir uma maior compreensão sobre as relações familiares. Isso irá também permitir que se possa, no futuro, conhecer e ajudar de uma forma mais eficaz os casais e os pais, quer a nível preventivo, quer a nível terapêutico. Por tudo isto, a sua colaboração é extremamente importante.

Os questionários são anónimos e **todos os dados aqui recolhidos são totalmente confidenciais**. Os resultados não serão analisados individualmente, mas em termos gerais, conjuntamente com as respostas dos outros participantes.

Os questionários que irá encontrar apresentam, no início, instruções de preenchimento. É muito importante que responda a todas as questões para que os dados possam ser correctamente analisados. Nestes questionários não há **respostas certas ou erradas**; o mais importante é mesmo a sua opinião. O preenchimento do conjunto dos questionários leva entre 20 a 30 minutos. Recorde-se que estes questionários devem ser preenchidos individualmente.

Desde já, agradecemos a sua disponibilidade em participar neste estudo. Sem o seu contributo seria impossível realizar esta investigação.

Por favor, vire a página e comece a responder. **Leia com atenção as questões e responda a todas elas.**

Muito obrigada!

Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro
Professora Doutora Isabel Narciso Davide

ANEXO II

Questionário Geral

Data _____

É muito importante que leia atentamente e **responda a todas as questões**. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação.

Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.

Parte I- Dados Sócio-Demográficos

1. Sexo

- Masculino
 Feminino

2. Escolaridade

- 0 a 4 anos de escolaridade
 7-9 anos de escolaridade
 Frequência universitária
 5- 6 anos de escolaridade
 10-12 anos de escolaridade
 Ensino superior

3. Origem étnica/racial

4. Idade

5. Profissão ou Ano Escolar se for Estudante

6. Zona de Residência Habitual

- Norte
 Algarve
 Centro
 Alentejo
 Grande Lisboa
 Arquip. Madeira
 Arquip. Açores
 Outra _____

7. Estado Civil

- Casado(a) Desde _____
 Solteiro/a
 Divorciado(a) Desde _____
 Viúvo(a)

8. Habita com

9. Situação Relacional

- Casamento Quantos casamentos teve anteriormente? _____

- União de Facto (igual ou superior a 2anos) Desde _____
Quantas uniões de facto teve anteriormente? _____

10. Filhos (biológicos/adoptivos/enteados)

- Sem filhos
 Gravidez actual
 Com filhos
Número de filhos biológicos _____ Idades _____
Número de filhos adoptivos _____ Idades _____
Número de enteados _____ Idades _____

11. Acompanhamento psicológico ou psiquiátrico

- Nunca teve
 Teve no passado
 Tem actualmente

12. Religiosidade

- Não Crente
 Crente Não Praticante
 Crente Praticante
Qual a religião? _____

EASAVIC

(Isabel Narciso & Maria Emília Costa, 1996)

Instruções:

Pense na sua relação conjugal. Utilize a seguinte escala de modo a expressar o que sente relativamente a cada expressão:

- 1- Nada satisfeito (a); 2- Pouco Satisfeito(a); 3- Razoavelmente Satisfeito (a); 4- Satisfeito(a); 5- Muito satisfeito (a); 6- Completamente Satisfeito (a)**

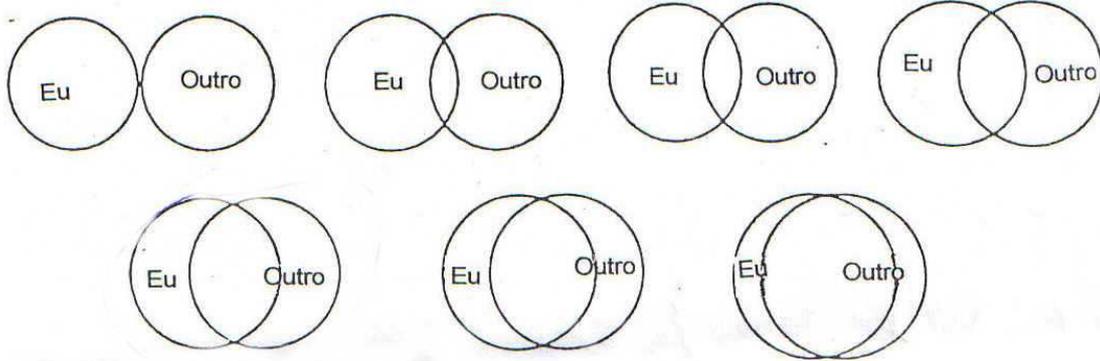
Para cada um dos itens, deverá escolher a afirmação da escala que melhor descreve o que sente, rodeando o número correspondente com um círculo.

Por exemplo, se em relação ao item 6, “Quantidade de tempos livres”, você se sente completamente satisfeito (a), deverá rodear com um círculo o número 6 da escala.

1. O modo como gerimos a nossa situação financeira 1 2 3 4 5 6
2. A distribuição de tarefas domésticas..... 1 2 3 4 5 6
3. O modo como tomámos decisões..... 1 2 3 4 5 6
4. A distribuição de responsabilidades..... 1 2 3 4 5 6
5. O modo como passamos os tempos livres..... 1 2 3 4 5 6
6. A quantidade de tempos livres..... 1 2 3 4 5 6
7. O modo como nos relacionamos com os amigos..... 1 2 3 4 5 6
8. O modo como nos relacionamos com a família do meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
9. O modo como nos relacionamos com a minha família..... 1 2 3 4 5 6
10. A minha privacidade e autonomia..... 1 2 3 4 5 6
11. A privacidade e autonomia do meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
12. A nossa relação com a minha profissão 1 2 3 4 5 6
13. A nossa relação com a profissão do meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
14. A frequência com que conversamos..... 1 2 3 4 5 6
15. O modo como conversamos 1 2 3 4 5 6
16. Os assuntos sobre os quais conversamos..... 1 2 3 4 5 6
17. A frequência dos conflitos que temos..... 1 2 3 4 5 6
18. O modo como resolvemos os conflitos..... 1 2 3 4 5 6
19. O que sinto pelo meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
20. O que o meu cônjuge sente por mim..... 1 2 3 4 5 6
21. O modo como expresso o que sinto pelo meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
22. O modo como o meu cônjuge expressa o que sente por mim..... 1 2 3 4 5 6
23. O desejo sexual que sinto pelo meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
24. O desejo sexual que o meu cônjuge sente por mim..... 1 2 3 4 5 6
25. A frequência com que temos relações sexuais..... 1 2 3 4 5 6
26. O prazer que sinto quando temos relações sexuais..... 1 2 3 4 5 6
27. O prazer que o meu cônjuge sente quando temos relações sexuais..... 1 2 3 4 5 6
28. A qualidade das nossas relações sexuais..... 1 2 3 4 5 6
29. O apoio emocional que dou ao meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
30. O apoio emocional que o meu cônjuge me dá..... 1 2 3 4 5 6
31. A confiança que tenho no meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
32. A confiança que o meu cônjuge tem em mim..... 1 2 3 4 5 6
33. A admiração que sinto pelo meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
34. A admiração que o meu cônjuge sente por mim..... 1 2 3 4 5 6
35. A partilha de interesses e actividades..... 1 2 3 4 5 6
36. A atenção que dedico aos interesses do meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
37. A atenção que o meu cônjuge dedica aos meus interesses..... 1 2 3 4 5 6
38. Os nossos projectos para o futuro..... 1 2 3 4 5 6
39. As minhas expectativas quanto ao futuro da nossa relação..... 1 2 3 4 5 6
40. As expectativas do meu cônjuge quanto ao futuro da nossa relação. 1 2 3 4 5 6
41. O aspecto físico do meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
42. A opinião que o meu cônjuge tem sobre o meu aspecto físico..... 1 2 3 4 5 6
43. As características e hábitos do meu cônjuge..... 1 2 3 4 5 6
44. A opinião que o meu cônjuge tem sobre as minhas características e hábitos..... 1 2 3 4 5 6

I.O.S.

Encontram-se aqui apresentadas 7 imagens. Qual lhe parece ser a que melhor descreve a relação com o seu companheiro? Por favor, coloque um círculo à volta dessa imagem.



Apêndices

Apêndice I

Caracterização sócio-demográfica da amostra

N amostra	146
Sexo	Feminino: 57,5 % Masculino: 42,5%
Escolaridade	0-4 anos de escolaridade : 0,7% 7-9 anos de escolaridade: 11% 10-12 anos de escolaridade: 28,1% Frequência Universitária: 9,6% Ensino Superior: 50,7%
Origem Étnica / Racial	Caucasiana: 97,2% Africana: 1,4% Caucasiana – africana: 1,4%
Idade	20-29 anos: 31,5% 30-39 anos: 39,7% 40-49 anos: 19,9% 50-59 anos: 8,2%
Profissão ou ano escolar	Nível sócio-económico baixo: 4,1% NSE médio: 44,5% NSE medi-alto e alto: 51,4%
Zona de Residência Habitual	Norte: 5,5% Centro: 11,6 % Grande Lisboa: 66,4% Alentejo: 5,5% Algarve: 6,2% Arquipélago da Madeira: 0,7% Arquipélago dos Açores: 2,7% Outra: 1,4%
Estado Civil	Casado: 52,7% Divorciado: 4,1% Solteiro: 43,2%
Tempo de casamento	0-4 anos: 24,4% 5-9 anos: 24,4% 10-14 anos: 16,7% 15-19 anos: 16,7% Igual ou mais de 20 anos: 17,9%
Tempo de Divórcio	3 anos: 0,7% 8 anos: 0,7% 10 anos: 1,4% 111: 92,5% 999: 4,8%
Habita com	Família nuclear: 97,3% Família nuclear + alargada: 2,7%
Situação Relacional	Casamento: 50% União de facto: 50%
Nº casamentos anteriores	0 – 90,4% 1 – 7,5% 2 – 1,4%

	5- 0,7%
Tempo união de facto	2-4 anos: 63,0% 5-9 anos: 27,4% 10-14 anos: 5,5% 11anos: 2,7% Igual ou mais de 20 anos: 1,4%
Nº de uniões de facto anteriores	0- 97,9% 1- 2,1%
Filhos	Sem filhos: 45,2% Com filhos: 54,8%
Gravidez	Não: 95,2% Sim: 4,8%
Tipo de Filhos	Biológicos: 73,8% Adoptivos: 9,5% Enteados: 4,8% Mistos: 11,9%
Idades dos filhos	Só Pré Escolar: 26,2% Só escolares: 13,1% Só adolescentes (10-17): 11,9% Só jovens adultos / adultos: 6,0% Mistos: 42,9%
Nº Total de Filhos	0: 42,5% 1: 28,1% 2: 21,2% 3: 6,2% 4: 2,1%
Acompanhamento psicológico ou psiquiátrico	Nunca teve: 83,6% Teve no passado: 13,7% Tem actualmente: 2,7%
Religiosidade	Não crente: 47,9% Crente não praticante: 41,8% Crente praticante: 10,3%
Religião	Católico: 84,7% Cristã / Católico: 6,9% Outro: 8,3%